



---

# Apertem os cintos: **o piloto sumiu!**

*Impactos da IoT na comercialização do seguro de automóvel*

---

LUIZ PHILIPPE BAETA NEVES

**É** difícil imaginar que há mais de 50 anos a série animada “Os Jetsons” já entretinha toda uma geração com a sua proposta de um futuro tão distante quanto inimaginável. Robôs por todos os lados, viagens à lua, bate-papos por vídeo e os revolucionários carros voadores. As imagens futurísticas já encantavam crianças – e adultos também, por que não? – no início da década de 1960. Pois em 2017, o mundo vivencia a era da Internet das Coisas (IoT), considerada um divisor de águas no estilo de vida das pessoas. Tecnologias conectadas ultrapassam os limites dos modelos de negócios existentes e carros autônomos – que poderão até voar! – já circulam em todo o mundo, e até mesmo pelo Brasil.

Em outubro de 2016, a norte-americana Tesla já anunciava que todos os seus carros produzidos desde então saíram de fábrica equipados com sistema 100% autônomo, capaz de conduzir os veículos sem a interferência humana. No Brasil, a previsão é que a partir do próximo ano, 2018, os carros fabricados no país terão chips inteligentes. As propostas das chamadas tecnologias disruptivas ganham força mesmo em meio a polêmicas de acidentes fatais e de nós jurídicos mundo afora, em relação à atribuição de responsabilidade envolvendo automatização de veículos. Porém, a história diz que tecnologias tendem a evoluir, e nunca a voltar atrás. É um caminho irreversível: os grandes mercados precisam se antecipar e se adaptar – e com a indústria do seguro não poderia ser diferente.

As estimativas para esse novo universo reúnem números e cifras agigantados. De acordo com dados da consultoria Gartner, 250 milhões de automóveis estarão conectados à Internet das Coisas até 2020, o que proporcionará às companhias um vasto universo de informações para a análise de riscos e perfis de contratação de seguros. Para se ter uma ideia do que vem por aí em termos financeiros, uma projeção do Bank of America Merrill Lynch sugere que até 2030 a indústria global dos carros autônomos seja capaz de movimentar US\$ 87 bilhões. Isso porque não é de hoje que os chamados “carros do futuro” roubam a cena nos grandes salões de automóveis e eventos voltados à tecnologia em todo o planeta. O leque de novidades é enorme: automóveis com processadores de celular embarcados e veículos operados remotamente, orientados com movimentos programados previamente por meio de um relógio de pulso.

---

***De acordo com dados da consultoria Gartner, 250 milhões de automóveis estarão conectados à Internet das Coisas até 2020, o que proporcionará às companhias um vasto universo de informações para a análise de riscos e perfis de contratação de seguros.***



***A Internet das Coisas pode ser uma grande aliada para romper padrões de comunicação, de venda e de modelos de relacionamento estabelecidos há anos. Ela é capaz, inclusive, de modificar completamente a forma como as seguradoras se relacionam com seus clientes.***

Não se trata apenas de um processo de evolução contínua. Há também uma grande mudança de comportamento e preferências dos clientes. Exponentes da nova geração, como Sebastian Thrun, fundador da Google X, que responde pelos projetos mais arrojados da empresa, acredita numa troca substancial dos automóveis de hoje pelos carros autônomos, que, nos próximos cinco anos, devem chegar ao mercado por preços mais baratos. Já existem empresas americanas trabalhando num projeto dos carros voadores. Segundo o executivo, se o transporte por carros autônomos se tornar um serviço, precisaremos de apenas 20% dos carros que temos rodando hoje no mundo. Com essas inovações, Thrun afirma que “a maioria dos estacionamentos deixará de ser necessária, as ruas serão mais limpas e ganharão espaço”.

Montadoras como GM, Toyota, Kia e BMW, além da Fiat Chrysler, em parceria com o Google, já estão produzindo carros autônomos e deixando as seguradoras em parafuso. A preocupação faz todo sentido: se o carro é autônomo, de quem é o seguro? Quando pensamos em seguro de automóvel e que o processo de precificação dos produtos é calcado pela análise do perfil do condutor, para que possam ser estimados os riscos na apólice, a ideia de um veículo que não necessita de um motorista parece desmontar todo um sistema. Em caso de colisões e acidentes, de uma forma geral, como as seguradoras acionarão o culpado, já que um computador não tem perfil? As pessoas ainda contratarão seguro para seus automóveis? E no caso de um acidente, quem será responsabilizado, o proprietário ou a empresa fabricante?

Uma das principais questões que se coloca para os especialistas do nosso mercado, entre os quais eu me incluo, é: o que o setor de seguros está fazendo para se antecipar a essa realidade, a qual já está batendo às portas e poderá chegar com força total nos próximos cinco, dez ou 20 anos? Estamos sendo proativos? Estamos projetando nossos negócios em função desse cenário tecnológico? Não precisa ser especialista para perceber que as experiências com a telefonia, computadores, jogos e outras tantas engenhocas que nos cercam surgiram há muito pouco tempo e continuam a evoluir a passos largos, sem pedir licença para mudar radicalmente as suas formas, conteúdo e, até mesmo, a nossa vida.

Os produtos tendem a ser cada vez mais personalizados, porque se continuarmos oferecendo os mesmos itens, buscando as mesmas saídas e usando o mesmo discurso, provavelmente seremos engolidos pela efervescência tecnológica. Ela desenvolve novidades diariamente para simplificar a vida do cidadão comum, diante de um mundo que exige praticidade mas também capacitação e ousadia para avançar e propor soluções mais simples e baratas, alavancadas pela tecnologia e pela inovação. A Internet das Coisas, ou IoT, veio para unir as tecnologias que não param de ser inventadas e/ou incrementadas, visando à obtenção de mais conforto, agilidade e qualidade nas rotinas diárias da sociedade.

As seguradoras devem começar a se preparar para a transformação do seu negócio se não quiserem viver na ponta do iceberg. Em um momento global pela

busca de oportunidades que possam gerar atividades inéditas para as empresas, a tecnologia precisa ser vista como uma parceira, e não uma vilã. Desta forma, a Internet das Coisas pode ser uma grande aliada para romper padrões de comunicação, de venda e de modelos de relacionamento estabelecidos há anos. Ela é capaz, inclusive, de modificar completamente a forma como as seguradoras se relacionam com seus clientes. Basta um rápido olhar por esse cenário para entender que a tradicional avaliação de riscos passará, sim, por uma grande revolução. Com a quantidade de dados coletados e analisados numa velocidade cada vez maior, o sucesso do mercado de seguros será das empresas que melhor aproveitarem as coesões e as possibilidades frente à originalidade desse contexto tecnológico.

Trazendo fatos e dados à realidade brasileira, de acordo com a Federação Nacional de Seguros Gerais (FenSeg), hoje, 17,5 milhões de veículos são segura-

dos no país, ou seja, cerca de apenas 30% da frota total de 60 milhões. Ainda assim, mais de 40% dos prêmios do setor de seguros gerais estão relacionados ao seguro de automóvel. Logo, qualquer grande mudança na forma de precificação de apólices provocaria um enorme impacto na indústria. Se inovar é preciso, é tempo de refletirmos sobre os nossos próprios caminhos, nossas escolhas, sem nos esquecermos de olhar para frente, ser visionários em relação ao futuro, às necessidades das novas gerações que desejam produtos e serviços que atendam às suas necessidades do cotidiano. Fato é, porém, que o setor precisa se reinventar, porque o futuro já chegou. ●

#### **LUIZ PHILIPPE BAETA NEVES**

*Presidente da Associação das Empresas de Assessoria e Consultoria de Seguros do Estado do Rio de Janeiro (Aconseg-RJ)*

*[presidente@aconseg-rj.com.br](mailto:presidente@aconseg-rj.com.br)*

